

Haydu, Verônica Bender. Abuso sexual infantil - Aconteceu com a amiga de Maria. **Tribuna do Vale do Paranapanema**, Rolândia, nº 1251, p.2, 20 de abril de 2007.

ABUSO SEXUAL INFANTIL

ACONTECEU COM A AMIGA DE MARIA

Nas duas edições anteriores desta coluna, os personagens de minha história se defrontaram com um assunto novo e bastante complexo, que é o abuso sexual de crianças e de adolescentes. Maria descobriu que seu noivo, Pedro, esteve preso em Portugal, por ter sido acusado de abusar sexualmente de uma menina. Ela e sua amiga Corina conversavam sobre o assunto no hospital em que Maria estava internada por ter sido agredida por Pedro em um ato de ciúme. Maria estava chocada, mas Corina disse que o abuso sexual infantil era mais comum do que a maioria das pessoas imaginava ser. Maria então afirmou:

- Não sei de onde você tirou isso! Como algo tão repugnante pode ser comum?

- Maria, vou contar uma coisa pra você, que eu não contei a ninguém até hoje, a não ser para a minha mãe e a minha terapeuta. Quando eu tinha 8 anos, um tio meu, irmão de meu pai, foi morar conosco porque estava fazendo cursinho pré-vestibular, na cidade onde morávamos. Ele era um cara muito legal e eu gostava muito dele. Ele era muito brincalhão e alegre. Nós tínhamos uma grande amizade e eu me sentia muito valorizada com a atenção que ele dava pra mim.

- Que idade ele tinha?

- Ele tinha 20 anos. Um dia, meus pais saíram para ir a um jantar na casa de amigos e eu e ele ficamos sozinhos em casa, porque ele não teve aula no cursinho. Nós estávamos assistindo TV, quando tudo aconteceu. No começo, eu pensei que fosse mais uma de suas brincadeiras, mas era sério. Eu não queria aquilo, mas ele falou que eu era especial para ele e que era normal as pessoas que se gostam terem aquele tipo de intimidade. Só que ele pediu para eu não contar aos meus pais, que aquele seria o nosso segredo. Mesmo eu gostando muito dele, eu não queria que aquilo se repetisse. Ele chegou a faltar às aulas num dia em que meus pais tinham um compromisso. Aí eu comecei a não deixar mais a minha mãe sair ou exigia que ela me levasse, pois eu tinha medo de ficar em casa sem ela. Mesmo durante o dia, quando a minha mãe estava trabalhando, eu não ficava em casa. Eu ia para a casa de uma amiga. Eu tinha muito medo e chorava por qualquer coisa. Ele se mostrava amigo e tentava me consolar. Ele sempre foi muito carinhoso e eu gostava do carinho dele, mas eu não queria fazer aquelas coisas.

- E o que você fez?
- Não demorou muito, a minha mãe começou a estranhar o meu comportamento e perguntou o que estava acontecendo comigo. Então, eu contei pra ela. Ela ficou muito pálida e não conseguiu falar nada por alguns segundos. Depois, ela disse que eu fazia bem em contar a ela, que eu não devia mesmo ter mantido segredo. Ela disse também, para eu não contar pra mais ninguém, porque ela daria um jeito na situação.
- Nossa, sua mãe foi legal, né?
- É verdade. Ela nunca disse que eu era culpada e eu não sei exatamente o que ela fez. Só sei que no dia seguinte, meu tio mudou-se para uma república. Ele disse que era melhor morar com os amigos para poder estudar com eles e que a república ficava perto do colégio, o que facilitaria participar dos plantões no cursinho.
- Corina, que coisa horrível você está me contando! Ainda bem que a sua mãe acreditou em você e tomou providências!
- É verdade. Só que eu continuei tendo muito medo. Eu comecei a ter medo de um monte de coisas. Sempre que eu tivesse que conversar com um homem, eu caía fora. Eu não comprava na padaria na esquina de casa, porque o caixa era um homem. Eu sentava no fundo da classe nas aulas de inglês e não conseguia prestar atenção, porque era um professor que dava as aulas. Eu só usava um elevador se alguém fosse comigo e se essa pessoa fosse uma mulher ou meu pai. A minha vida ficou muito difícil. O meu pai não entendia o que estava acontecendo comigo e ficava bravo. Quanto mais eu era cobrada para agir de forma normal, mais medrosa eu ficava e mais eu evitava as situações. Tudo que pudesse ter ou que eu imaginava ter algum tipo de risco eu evitava. Teve um período de férias, que eu passei quase o tempo todo sem sair do meu quarto.
- Nossa Corina, que situação!
- Foi nessa ocasião que a minha mãe me levou a uma psicóloga. Fiz terapia durante um bom tempo. Hoje em dia, posso considerar que superei o problema, mas na faculdade eu ainda mostrava ser diferente das minhas colegas, pois quando quase todas elas já tinham um namorado, eu nem pensava nisso. Eu queria distância de qualquer relacionamento íntimo.

Esse exemplo de situação, vivenciada pela personagem Corina, mostra algumas das possíveis conseqüências do abuso sexual para a criança ou o adolescente. Devo destacar que outros tipos de problemas podem ser desenvolvidos, como, por exemplo, a criança pode parar de brincar, tornar-se lenta na execução de atividades em geral, perder o interesse pelos estudos, não fazer amigos. Além disso, a criança e o adolescente podem tornar-se violentos,

irritados, inquietos e mostrarem pouca tolerância ao elogio ou a outras formas de interação, principalmente, com adultos. A sexualidade pode não se desenvolver de forma apropriada. Eles podem passar a apresentar uma sexualidade prematura, ou seja, comportamentos inadequados para a idade deles e até se prostituir. Ou ainda, podem passar a apresentar comportamentos que não condizem com o seu gênero. Por exemplo, uma menina que sofreu abuso sexual pode passar a se vestir como um garoto, não querendo parecer uma menina de forma alguma. De forma geral, a criança e ou o adolescente passam a ter comportamentos de baixa auto-estima.

Você pode acessar os textos anteriores desta coluna, no meu *site* pessoal: www.uel.br/pessoal/haydu.

Verônica Bender Haydu
Professora da Universidade Estadual de Londrina
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo